

Entre a cura e o pecado: práticas femininas de magia e medicina nos casos inquisitoriais da América Portuguesa

Karolainy Machado Malta

RESUMO: Este artigo analisa a atuação de mulheres no campo das práticas de cura na América portuguesa, com foco nas relações entre magia e medicina no período colonial. Inicialmente, discute-se a construção historiográfica da história das mulheres e sua inserção no contexto brasileiro. Em seguida, são abordados os saberes populares femininos relacionados ao curandeirismo, frequentemente associados à feitiçaria. A pesquisa baseia-se na análise de casos inquisitoriais, evidenciando as formas de repressão e controle exercidas sobre essas práticas. Por meio de revisão bibliográfica e análise documental, o estudo busca compreender como as atividades dessas mulheres foram interpretadas e, muitas vezes, criminalizadas, revelando tensões entre práticas de cura, normas sociais e instituições de poder.

Palavras-chave: História das mulheres; América Portuguesa; Inquisição; Magia e Medicina; Curandeirismo.

ABSTRACT: This article analyzes the role of women in the field of healing practices in Portuguese America, focusing on the relations between magic and medicine in the colonial period. Initially, it discusses the historiographical construction of the history of women and their insertion in the Brazilian context. Next, it addresses women's popular knowledge related to folk healing, frequently associated with witchcraft. The research is based on the analysis of inquisitorial cases, evidencing the forms of repression and control exercised over these practices. Through bibliographic review and document analysis, the study seeks to understand how the activities of these women were interpreted and, often, criminalized, revealing tensions between healing practices, social norms, and institutions of power.

Keywords: History of women; Portuguese America; Inquisition; Magic and medicine; Folk healing.

INTRODUÇÃO

A historiografia foi marcada durante séculos pelo protagonismo masculino em narrativas históricas, nesse processo mulheres foram invisibilizadas e silenciadas e de forma frequente associadas apenas ao meio familiar e doméstico, excluídas de pesquisas e do olhar historiográfico. Com o desenvolvimento de estudos de gênero e a História das Mulheres, novas perspectivas e questionamentos surgiram a partir dessa ausência e historiadoras feministas dedicaram-se à investigação em relação à atuação feminina na sociedade histórica.

A partir dessas discussões emergiram diversos campos de pesquisa, dentre eles estudos sobre práticas de cura realizadas por mulheres na América Portuguesa. Curandeiras, benzedadeiras e parteiras, elas cumpriam papéis cruciais na vida diária da colônia, combinando saberes curativos, heranças culturais e crenças espirituais em seus tratamentos. Contudo, essas mesmas mulheres eram muitas vezes perseguidas e acusadas de feitiçarias e de práticas supersticiosas.

Nessa linha, este presente artigo busca analisar a contribuição das mulheres no âmbito dos tratamentos de saúde na América portuguesa, enfatizando a relação entre feitiçaria, devoção e a medicina da época. O objetivo é expor como tais conhecimentos empíricos femininos se integravam às dinâmicas sociais daquele tempo e quais conflitos surgiam da atuação dessas curandeiras.

Desta forma, este trabalho está dividido em dois tópicos, serão utilizados estudos historiográficos no primeiro acerca da História das Mulheres expondo como se deu esse processo de incluir e resgatar o protagonismo feminino para a História, o segundo tópico, está analisando sobre a vida das curandeiras na colônia, o corpo feminino e além de pesquisas voltadas às práticas de cura e aos mecanismos de repressão presentes na sociedade colonial, e trechos de depoimentos de casos Inquisitórios na América Portuguesa.

Assim, este artigo pretende contribuir para as discussões desenvolvidas pela História das Mulheres, evidenciando a importância da atuação feminina nas práticas de cura e destacando a necessidade de compreender as mulheres como agentes históricos inseridos nas dinâmicas sociais da América portuguesa.

1. História das Mulheres

Durante séculos, as mulheres enfrentaram um grande silenciamento historiográfico, pesquisar sobre suas histórias se torna uma atividade desafiadora e também um ato de resistência, ao escrever sobre história das mulheres, relembramos algo que Michelle Perrot (1995) diz em seu artigo “*Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência*”, “escrever sobre mulheres é levá-las a sério”

mulheres têm uma história e não são apenas destinadas à reprodução, que elas são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos.
(PERROT, 1995 p.1)

Até o século XIX, suas menções na história eram feitas apenas por cronistas sobre suas virtudes ou pecados, seu valor ligado ao seu comportamento, e pouco sobre a sua relevância histórica

são quase sempre excepcionais por sua beleza, virtude, heroísmo ou, pelo contrário, por suas intervenções tenebrosas e nocivas, suas vidas escandalosas. A noção de excepcionalidade indica que o estatuto vigente das mulheres é o do silêncio que consente com a ordem.
(PERROT, 1995 p.13)

Baseando seu valor em seu comportamento, homens letrados, escritores, historiadores e cronistas tornaram por diversas vezes o ato de escrever, em um certo abuso de poder simbólico em narrar, relatar e significar determinadas parcelas da realidade (TEDESCHI 2016). Ter poucas fontes escritas por mulheres sobre si mesmas, traz a errônea ideia de que mulheres não participaram da literatura, ciência, medicina e produções históricas, esse apagamento e repressão, fez que muitas mulheres trabalhassem em silêncio nos “bastidores” da sociedade e na vida privada, esse confinamento impôs/impõe um passado de representações hegemônicas que precisava ser reinterrogado a partir de novos olhares e problematizações, através de outras ferramentas interpretativas (TEDESCHI 2016) historiadoras como Mary del Priore e Michelle Perrot, dedicam seu trabalho em pesquisar, interpretar e desdobrar essas narrativas, trazendo um novo modo de escrever sobre história das mulheres. Perrot

afirma que mulheres usaram para resistir, fazendo do silêncio uma arma a favor de si próprias

Evidentemente, as mulheres não respeitaram essas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflado às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião. Teme-se a sua conversa fiada e sua tagarelice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História. (PERROT, 2005 p.10)

A historiadora Mary del Priore (1993) traz em suas produções abordagens variadas ao escrever sobre mulheres, contribuindo para uma historiografia sobre aquelas que pouco foram vistas e valorizadas em escritos feitos regidos pelo patriarcado, focalizando as relações entre social e íntimo, destacando o papel das mulheres na família, casamento, maternidade, sexualidade. Maria Izilda Santos de Matos (2013) no seu artigo *“História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas”* aborda como desafio sistematizar a historiografia e a trajetória árdua de escrever sobre mulheres, repensando mitos e estereótipos criados,

Num leque de várias correntes de interpretações, recuperaram-se a atuação das mulheres como sujeitos ativos, de modo que as imagens de passividade, ociosidade e confinamento ao lar foram questionadas, descortinando-se esferas de influência e recuperando testemunhos femininos (DE MATOS, 2013. p.7)

Joan Scott, historiadora norte – americana, dedicada em estudar a História das Mulheres através de uma perspectiva de gênero, fala sobre a criação da nova história e como essa nova história iria escrever e analisar mulheres a partir da experiência das mesmas. Scott (1995), afirma que historiadores e historiadoras não feministas tiveram um interesse mínimo nas pesquisas sobre a participação das mulheres em contextos históricos econômicos e políticos, apesar de aceitarem sua participação, acreditavam que o trabalho de pesquisar sobre elas não lhe diziam respeito e não mudaria em nada seu conhecimento em relação ao que já sabiam sobre acontecimentos históricos, que este, deveria ser um trabalho das historiadoras feministas, e a história das mulheres deveria estar ligado a pesquisas sobre sexo e família, não as cabiam em economia e política. Gerando assim, um grande desafio para historiadoras feministas em relação a escrita da história das mulheres, pois não bastavam escrever que mulheres também

tinham uma história, e comprovar sua participação nos acontecimentos, se a grande parte da historiografia não as reconhecia como agentes históricos efetivos, e as enxergavam como figuras secundárias em processos sociais políticos, pertencentes a uma esfera diferente dos homens, e não que compartilhavam do mesmo meio social e estavam inseridos nos mesmos acontecimentos históricos, Gisela Bock (1990) afirma isso “As mulheres permaneceram invisíveis fundamentalmente porque elas, as suas experiências, atividades e espaços não eram considerados merecedores de análise histórica”, e concorda em seu artigo que mulheres e homens devem ser estudados de forma diferente mas não com menos importância e não devem ser tratadas como um caso particular ou específico da história e sim parte da história geral escrita.

A consciência da alteridade, da diferença, da desigualdade entre história feminina e masculina foi complementada pela tomada de consciência na historiografia da alteridade, da diferença, da desigualdade entre as próprias mulheres (BOCK, 1990 p. 161)

A História das Mulheres que governavam era escrita, apenas quando estavam no trono e não havia filho homem como varão, como forma de “imortalidade”, entrar para história era um lugar de prestígio e valor, e para uma mulher comum não havia lugar. Apenas citadas quando governavam ou estavam como uma “face oculta” nos governos, tomando decisões atrás das cortinas (PEDRO, 2005 p.84). Essas narrativas sobre mulheres que governavam diretamente ou indiretamente, estão carregadas por estereótipos sobre sua imagem algumas estão carregadas de virtude, santidade ou perversidade e vilania, e isso de certa forma, teria mais relevância do que seus feitos e contribuições para contextos históricos, a imagem que se faziam sobre mulheres que estavam no poder, seria o que ditaria a percepção sobre elas e seus governos. Como a historiadora Joana Maria Pedro (2005) afirma, “Engrossam este panteão as rainhas, as princesas e as donzelas guerreiras, das quais Joana D’Arc é uma espécie de arquétipo do “bem”, enquanto Lucrecia Borgia, por exemplo, é considerada um exemplo do “mal”.”

Com a Escola dos Annales, escrever história observando pessoas comuns e os cotidianos delas, além das narrativas oficiais, abriu-se um espaço novo para escrita da História das Mulheres afirma Joana Maria Pedro (2005)

A historiadora ou o historiador que se engaja nesta tradição não poderia ficar alheia aos movimentos sociais das mulheres em suas múltiplas configurações, nos múltiplos feminismos que, desde meados

do século XIX, reivindicavam direitos e o fim das hierarquias baseadas no sexo (JM PEDRO, 2005 p.85)

Com o surgimento da Nova História, novas fontes ficaram disponíveis para os historiadores, e não se limitaram as fontes oficiais, a História Cultural e Oral foi enriquecida com essa nova metodológica historiográfica. As historiadoras Teresa Pinto e Teresa Alvarez (2014) pontuam a importância da inclusão do ensino de História das mulheres na aprendizagem e compreensão do “protagonismo histórico” esse que sempre tão falocêntrico, agora despertava uma nova perspectiva aos pesquisadores, e estudantes em formação escolar

Neste sentido a inclusão da História das Mulheres e do Gênero no ensino e aprendizagem da História permite conhecer e compreender as relações de poder e dos mecanismos sociais de dominação/subordinação historicamente construídos. Este desafio coloca-se não apenas aos programas de História e aos manuais escolares, que lhes têm servido de suporte, mas também, e com mais acuidade, aos novos recursos pedagógicos, em suporte digital, que mais recentemente têm vindo a ser comercializados pelas editoras escolares e os que têm vindo a ser disponibilizados em linha, de forma gratuita, em sítios web como os dos organismos públicos que tutelam o sistema educativo (PINTO; ALVAREZ, 2014 p.18)

Pesquisar sobre protagonismo feminino, como diversas historiadoras citam e citaram em seus artigos, jamais será um trabalho simples, seja pela ausência de fontes, seja pela credibilidade de outros historiadores sobre sua importância histórica ou até mesmo pelo doloroso processo de se deparar com o apagamento e silenciamento sofrido durante séculos a respeito dessas mulheres históricas. “Sintetizando: a história não é apenas a da experiência masculina, mas também a da feminina. Não pode apenas ser escrita na perspectiva do homem, ou numa perspectiva aparentemente alheia aos sexos” (BOCK, 1989 p.179).

2. Magia e Medicina na colônia

Ao tratarmos sobre a temática das mulheres na América Portuguesa e sua relação com práticas de magia e medicina na colônia, há uma historiografia relevante e, dentre os autores especialistas, utilizaremos a obra da historiadora Mary del Priore, e sobre casos inquisitórios no Brasil nesse período. As mulheres na América Portuguesa estavam presentes no cotidiano da colônia e se relacionavam com práticas de magia e medicina como forma de cura dos males lhes atingidos, no qual a medicina tradicional

por muitas vezes não as amparava. Segundo Priore, a medicina e a igreja via o corpo feminino de forma dual

Num cenário em que doença e culpa se misturavam, o corpo feminino era visto, tanto por pregadores da Igreja católica quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e Diabo se digladiavam. Qualquer doença, qualquer mazela que atacasse uma mulher, era interpretada como um indício da ira celestial contra pecados cometidos, ou então era diagnosticada como sinal demoníaco ou feitiço diabólico. Esse imaginário, que tornava o corpo um extrato do céu ou do inferno, constituía um saber que orientava a medicina e supria provisoriamente as lacunas de seus conhecimentos. (DEL PRIORE, 2006 p.1).

O corpo feminino trazia muito interesse para a medicina, mas em apenas um campo específico: reprodução. A *madre* como era chamado o útero, trazia enorme curiosidade e desconfiança sendo ele visto ora como um receptáculo divino e sagrado, ora causador de toda maldição do mundo. A ideia difundida pelo cristianismo da mulher ser a perpetuadora dos pecados na terra, reforçava essa visão na medicina. Sendo assim nunca até em então um objeto válido de estudo científico, o útero e a psique feminina eram vistos como algo assustador, cabível de medo, cuidado, precaução e repulsa. Médicos do período colonial reforçavam a ideia biológica do corpo da mulher, apenas para reprodução, mulheres que não cumprissem esse papel estariam fadadas a maldição divina

Convém notar que a valorização da madre como órgão reprodutor levava a uma valorização da sexualidade feminina, mas não no sentido da sua realização e sim no de sua disciplina. Pensava-se que, ao contrariar sua função reprodutiva, a madre lançava a mulher numa cadeia de enfermidades, que iam da melancolia e da loucura até a ninfomania (DEL PRIORE, 2006 p.5-6)

Pensando desta forma, houve pouco avanço no meio científico relacionado ao corpo feminino, na em Portugal e na América Portuguesa, “Carente de profissionais, desprovido de cirurgiões, pobre de boticas e boticários, Portugal naufragava em obscurantismo, e levava a colônia junto” (DEL PRIORE, 2006) o pouco conhecimento desencadeava métodos de tratamento torturantes, extremamente dolorosos e muitas vezes ineficazes. Um método bastante utilizado para tratamento, seria a sangria, durante o século XIX acreditava-se que os males dos corpos estavam ligados ao desequilíbrio dos humores, advinda dos fatores internos, patologia, e dos externos, ambiente, gênero, alimentação, e quando esses fatores se juntavam, enchiam as veias e com essa obstrução a harmonia era perturbada, causando sintomas como febre, apatia, perda do apetite e o

corpo do indivíduo entraria em estado de deterioração, como comenta Mary del Priore em seu artigo

Além das quatro vias naturais de evacuação para expelir o que incomodava o sistema – nariz, boca, ânus e uretra – apenas a sangria seria capaz de dar conta do mal-estar do enfermo. As sangrias podiam ser feitas localmente, pela aplicação de ventosas ou sanguessugas diretamente sobre a pele, ou por via arterial ou venal, casos em que as incisões eram feitas na veia ou na artéria com lancetas afiadas pertencentes, em geral, aos barbeiros (DEL PRIORE, 2006 p.15)

A relação entre sangria e o corpo feminino, se tornara muitas vezes brutal. Gestantes tinham que passar por pelo menos três sangrias durante a gestação, e uma durante o parto na intenção de não ter febre e hemorragia devida à força realizada durante o trabalho de parto, levando muitas a óbito por esgotamento “Marcada por síncope, entrecortada por espasmos, convulsões e gritos de sofrimento, essa forma horrível de morrer esvaindo-se em sangue lembrava uma espécie de rito sacrificial em que a mãe dava a vida pelo rebento. (DEL PRIORE, 2006). A sangria era apenas um dos vários métodos de violência cometidos as mulheres no período colonial, o atraso científico, e os ideais cristãos tornou a existência em um corpo feminino algo doloroso.

Na colônia, médicos portugueses encaravam as dificuldades de lidar com as doenças do Novo Mundo, o curandeirismo surge da necessidade de tratamento segundo Priore, “é melhor tratar-se a gente com um tapuia do sertão, que observa com mais desembaraçado instinto, do que com médico de Lisboa”, diz nos fins do século XVIII, o bispo do Pará, dom Frei Caetano Brandão (DEL PRIORE, 2006). A Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz (2018) afirma que a prática curandeira se deu, pois, as pessoas ainda acreditavam que os males estavam ligados a espiritualidade,

Entretanto, as pessoas costumavam recorrer a essa atividade a fim de curar diversos males, principalmente os do espírito, pois ainda se mantinha acesa a mentalidade romana na qual o universo estava povoado por espíritos maléficos que se intrometiam na vida das pessoas. Deste modo, recorria-se às feitiçarias. Tudo isso já era condenado desde o Concílio de Trento (1545 a 1563). (QUEIROZ, 2018 p.39)

Se em Portugal a medicina relacionada ao corpo feminino estava em atraso, as mulheres na colônia buscavam meios de se tratarem entre si, recorrendo a curas informais para doenças cotidianas, virando alvo de suspeitas de feitiçaria e heresia

Herdeiras de toda uma tradição eclesiástica que remonta aos primeiros tempos da Idade Média, que as inferiorizava, as mulheres, especialmente aquelas ligadas às práticas de curas populares, como benzedoras e parteiras, foram tomadas como cúmplices íntimas de satã. (SILVA; SAMPAIO, 2013 p.13)

Tomadas pela cumplicidade e união dos saberes, as mulheres da colônia desenvolveram um companheirismo e sororidade entre si, Gilberto Freyre comenta sobre essa relação estabelecida por meio da necessidade de cura no livro Casa-Grande e Senzala

Apelidadas de comadres, que além de partejarem, curavam doenças ginecológicas por meio de bruxedos, rezas, benzeduras. As casas que habitavam tinham à porta uma cruz branca. E elas quando saíam a serviço, era debaixo de uns mantos ou xales compridos, como umas côcas; muitas levando debaixo das mantilhas cartas de alcoviteiras, feitiços e puçangas; algumas conduzindo também, a abandonar nas ruas e recantos, os produtos das práticas ilícitas e criminosas a que se prestavam e a que sem escrúpulos se entregavam (FREYRE, 2003 p.416)

Para a Igreja Católica, a junção do curandeirismo e cumplicidade entre mulheres era uma união perigosa, já que ainda com os ideais da Idade Média sobre bruxaria e o estereótipo de que mulheres seriam o sexo frágil, facilmente manipulados pelo demônio e carentes de precaução, a perseguição a essas mulheres que praticavam rituais de cura, eram recorrentes e estimulados

Tentando impedir o acesso de leigos ao mundo sobrenatural, a Igreja intervinha rapidamente, atribuindo os remédios e as curas das enfermidades ao poder miraculoso de santos, santas, de Nossa Senhora e de Deus. Curandeiras e benzedoras que curavam com “orações, benzimentos, rezas e palavras santas”, pertencentes ao monopólio eclesiástico, passaram a ser sistematicamente perseguidas, pois as palavras que empregavam eram consideradas, sobretudo pelos inquisidores do Santo Ofício, de inspiração diabólica (DEL PRIORE, 2004, p. 86).

Apesar de estabelecerem uma relação de confiança e até mesmo procura dos enfermos, para orações, benzas e simpatias, durante o período colonial, ocorreram diversos casos de Inquisição, instituição medieval criada durante o papado do século XIII a fim de combater quaisquer movimentos contestatórios a Igreja (VAINFAS, 2000) pois a prática de curandeirismo era totalmente intolerada pela Igreja Católica, neste capítulo serão apresentados alguns casos, como o de Anna Jacome, solteira, denunciada por feitiçaria por Isabel Antunes em Olinda, 1523, para o visitador Heitor Furtado de

Mendonça nomeado responsável pela Primeira Visitação do Santo-Ofício , segue o depoimento apresentado:

[...] estando ela parida de uma menina que tinha nascida de seis dias e tendo na mesma cama junto de si a dita criança ainda pagã e além da dita criança na mesma cama uma menina sua escrava de três anos entrou pela porta da dita casa onde ela estava na dita cama que era de sua mãe nesta Villa na rua de Sam Pedro uma mulher torta de um olho cujo nome lhe parece ser Ana Jacome mulher que não tem marido com a qual ela denunciante nunca tinha falado nem tratado e somente de vista a conhecia e tinha ouvido dizer dela geralmente nesta terra a bons e a maus que era feiticeira, e entrando a dita Ana Jacome pela porta disse as palavras: se quereis que não vos venham as bruxas a casa, tomaí uma mesa e ponde-a com os pés virados para cima, e uma trempe também virada com os pés pêra cima, e com sua vassoura em cima tudo a trás da porta, e desta maneira não vos virão as bruxas a casa, e dizendo isto se chegou á cama pela banda donde estava a dita menina escrava mulatinha e dixe estas palavras, como que falava com a mesma mulatinha, vós afillhada viveste e a minha filha morreu, e acabando estas palavras cuspiu três vezes com a boca lançando cuspinho fora por cima da dita mulatinha e por cima da cama toda e acabando de cuspir disse ora ficai vós, e saiu pela porta fora, e logo ela denunciante começou a ter febre e frio, e o mesmo começou também a ter febre e frio a dita mulatinha de que depois disso alguns dias estiveram doentes e logo tanto que se a dita Ana Jacome saiu pela porta fora a dita sua criança pagã que até então estivera sempre sã e lhe tomava bem a mama começou a chorar alto, e acudindo á criança a acharão embruxada com a boca chupada em ambos os cantos tendo em cada canto da boca uma nódoa negra com sinal de dentada e assim mais nas virilhas em cada uma outra chupadura e nódoa negra, e nunca mais lhe tomou a mama, nem pode levar pela boca coisa alguma e logo a batizaram em casa, e chorando continuou até que não pode mais abrir a boca e no dia seguinte morreu (Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil - Denúncias e Confissões de Pernambuco 1593- 1595. Recife: FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1984. Denúnciação de Isabel Antunes contra Ana Jacome. p. 24-25)

O caso de Anna Jacome, chama atenção pelo depoimento de Isabel, Anna é descrita pelo estereótipo cristão de bruxas, uma mulher solteira, sem filhos, pagã, perversa e que assassinava recém-nascidos para roubar suas almas inocentes em devoção ao diabo. Anna ficou conhecida na vila como agente de satã, e a única testemunha do acontecido era uma criança escrava, incapaz de afirmar ou negar o ocorrido, “Era comum associar dificuldades na amamentação e infanticídio, provocado por bruxas e encontrar similares na Europa, parecendo pertencer a um dos grupos de crenças estereotipadas em relação a bruxas” (SOUZA, 1986, p.202-203).

Casos de crenças estereotipadas, foi o motivo de muitas denúncias, além das denúncias de casos de adivinhações, esses também vistos como magia maligna, Mary del Priore em seu artigo nos traz o caso de Maria Antônia, que em 1683 foi acusada de adivinhação e curandeirismo:

Sem saber ler nem escrever, curava todo o gênero de enfermidade de quaisquer pessoas ou animais que se lhe ofereciam, lançando dos corpos de outros endemoniados espíritos malignos; fazia unir as vontades discordes entre casados; levantava os queixos da boca aos que lhos caíam e fazia parir com bom sucesso as mulheres pejadas; observando sempre os efeitos das ditas coisas especialmente às quartas e sextas-feiras da semana, por as ter mais proporcionadas para os fins que procurava; usando para eles somente de palavras, orações, bênçãos, água benta, terra de adro, de nove ervas, de coisa dos mesmos, estando ausentes, mandando encher em rios ou fontes uma quarta de água, a fim de, vazadas as oito, a nona servisse para remédio dos ditos males. Para a cura dos quais primeiro estremecia e se espreguiçava e fazia visagens com a boca, cobrindo-a. Dizia que ela tomava os males e o ar dos ditos enfermos, aos quais mandava que passassem por partes escuras para trás. Dava cartas a que chamava de tocar, para fins torpes e desonestos, mandando as meter primeiro debaixo da pedra d'ara sobre a qual se dissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma mesa de três pés para cima, pondo em cada um sua vela ou candeia acesa, e no meio uma imagem de santo Erasmo, dando passos ao redor e fazendo rezas, e finalmente chamava pintãos, os quais logo visivelmente lhe apareciam negros, e os consultava para saber deles como havia de fazer as ditas curas, e dada a resposta desapareciam. (DEL PRIORE, 2000 p.24-25)

Além dos casos de adivinhações, diversas mulheres eram denunciadas pela prática de cura e criação de “poções” muitos dessas, seriam medicamentos naturais feito com ervas, raízes, cascas, águas de rios considerados sagrados e especiarias. Banhos em águas de rios também eram considerados práticas de cura e foram mal-vistos pela Igreja, “Em 1555, dizia-se que a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, em Porto Seguro, restituía a saúde dos penitentes visitantes; no século XVIII, banhos na “prodigiosa lagoa”, conhecida também como “lagoa santa”, atraíam multidões em busca de alívio para os seus males” (DEL PRIORE, 2000). Os males da *madre* eram os que mais acometiam as mulheres, e o principal motivo da busca pela medicina informal, dois casos relacionados aos banhos e cura de doenças uterinas são os de Luiza e Luzia

Luzia, escrava de Lourenço Ribeiro, de Santa Luzia, com um cancro nas partes pudendas [...] com a continuação dos banhos se vê diminuta a queixa e está quase sã (Prodigiosa lagoa descoberta nas

Congonhas das Minas de Sabará, que tem curado a várias pessoas dos achaques que nesta relação se expõem. Manuscrito, s. d. p. 9)

Luíza Cabral, preta forra, casada com José Feliz da Vila de Sabará, há mais de dois anos que padecia insofríveis dores na conjunção, com poucos banhos arrojou a natureza sem dor alguma. ((Prodigiosa lagoa descoberta nas Congonhas das Minas de Sabará, que tem curado a várias pessoas dos achaques que nesta relação se expõem. Manuscrito, s. d. p. 9)

Casos como esses traziam uma esperança para as classes mais desfavorecidas, além de cura das enfermidades, criaram crenças de que existiam outras formas de poder e uso do corpo. Essas mulheres, apesar de perseguidas, também trouxeram saberes que se popularizaram durante séculos, e práticas reproduzidas por diversas curandeiras, como Anna Ribeira, citada no artigo de Mary del Priore, Anna utilizava de plantas medicinais, fazendo chás e remédios que contribuíram para a saúde das mulheres da colônia, “ Plantas cujas formas eram semelhantes a partes do corpo humano, e mesmo ao órgão feminino, eram empregadas em mezinhas, chás caseiros e outros símplies que compunham a farmácia doméstica por elas manipulada”. A portuguesa Natalia Josefa, explica em seu julgamento como fazia o uso dessas ervas

Alecrim, murta, folhas de oliveira, maçãs de cipreste, cascas de romã, pergaminho feito em bocadinhos muito pequenos, água da paia de ferreiros em que se metem ferros quentes; tudo isto fervido em vinho branco depois de tirado do fogo, o coarem e guardarem e quando quiserem fazer este remédio. (DEL PRIORE, 2000 p. 13)

No artigo “*O saber médico e o corpo das mulheres no Brasil colonial: a tradição médica da metrópole na Capitania da Paraíba*” de Luiza Stella de Oliveira Coutinho e Silva, a pesquisadora nos traz diversos apontamentos de como os saberes dos indígenas, negros, e curandeiras contribuíram para a medicina no Brasil, e enfatiza que a medicina na América Portuguesa foi evoluindo de forma não linear, principalmente quando se trata da saúde da mulher, a preocupação exacerbada com a reprodução, fez a população feminina buscar outros meios de tratamento “Na Paraíba colonial, conseguimos descobrir que as pessoas recorreram às ervas da terra em alguns momentos mais do que aos médicos; banhos de mar podiam ser a única solução possível para sofrimentos específicos” diz. Unindo os saberes médicos vindos de Portugal, e os saberes e técnicas das curandeiras, benzedadeiras, mães e filhas, dizem pouco sobre os acontecimentos e a vida diária da época colonial brasileira.

O papel da curandeira ou benzedeira consistia em retirar o doente do mundo profano, graças ao emprego de palavras, prescrições e objetos simbólicos. Os sentimentos que ela despertava, medo, confiança etc., reforçavam a situação de poder da qual gozava e, mesmo se seus cuidados fracassassem, a inquietude e a angústia de seus clientes diante do desconhecido garantiam-lhe prestígio permanente. (DEL, PRIORE 2000, p. 14)

O tratamento feito entre mulheres brancas e negras pelos médicos da colônia, tinham diferenças notáveis. Mulheres brancas a leitura de diagnóstico variava de acordo com a sua classe social, já para as mulheres negras, não sobrava muito além de violência e desdém

Nas colônias mineiras do Brasil no setecentos, obviamente, cabe ressaltar que os diagnósticos médicos, embora destinados às mulheres em geral, havia, notadamente, a leitura feita para as mulheres caucasianas, como por exemplo, das camadas mais elevadas e também as mais pobres e havia a leitura feita às mulheres negras escravas. À essas últimas, cabia um discurso de cunho mais severo e desumanizador, sujeitas a exploração sexual, cujo empecilho relacionado a sua raça/cor as delimitavam e as condicionam à luxúria e impudícia. (DE BRITO BUENO, DOS SANTOS, DA SILVA, 2022 p.666)

Infelizmente, diversas vezes, independentemente de sua raça ou classe, mulheres estavam suscetíveis a violência dos médicos da colônia, sua sanidade e saúde estariam diretamente ligadas ao seu sistema reprodutor, descartando outros quaisquer diagnósticos, levando diversas mulheres ao sofrimento. A estrutura física e mental da mulher, no entendimento lusitano estava intrinsecamente entrelaçado, pois seu corpo frágil sendo delicado seria mais facilmente atravessado pelas doenças, oposto ao do corpo masculino (DEL PRIORE 2004). Benzedeiras e curandeiras, diante desta falta de recursos da medicina tradicional desenvolveram diversas técnicas de cura e tratamento alguns para a saúde do sistema reprodutor e outros para diversas dores do corpo

possuíam analgésicos, digestivos e tranquilizantes, usavam esporas de centeio (cravagem do centeio) para aliviar a dor do parto, o que se contrapunha à moral religiosa cristã que à época compreendia a dor feminina como um castigo divino resultante do pecado original de Eva (MARTINS, CLARINDO, CAMPOS, 2023 p.206)

Além do uso de Beladona para suprimir contrações uterinas quando havia risco de aborto espontâneo, também como o uso de digitálico remédio muito importante para doenças cardíacas (MARTINS, CLARINDO, CAMPOS, 2023). Observa-se como a

sororidade entre as mulheres da colônia foi construída através do desamparo médico, tratamentos ineficazes e muitas vezes semelhantes a métodos de tortura. A perseguição vinda da Igreja e as condenações registradas, demonstram como o corpo feminino, e também o conhecimento feminino, sempre foi algo totalmente invalidado pela sociedade, não apenas no período colonial.

Considerações finais

Ao decorrer da realização desta pesquisa, foi possível compreender como a invisibilização das mulheres na historiografia limitou, durante muito tempo, a compreensão de sua relevância na sociedade colonial. No primeiro tópico, a partir dos estudos sobre História das Mulheres e das relações de gênero, entende-se que esse apagamento histórico contribuiu para a desvalorização dos saberes femininos e para a marginalização das práticas de cura realizadas por mulheres na América portuguesa.

Nesse contexto, compreende-se que o corpo feminino e os conhecimentos produzidos por essas mulheres não recebiam a devida atenção e importância desde o período colonial. As poucas produções destinadas à participação feminina evidenciam essa exclusão, assim como a escassez de registros sobre os saberes médicos de curandeiras, benzedadeiras e parteiras.

Além disso, a pesquisa demonstrou que essas mulheres exerciam papel fundamental no cotidiano colonial, articulando conhecimentos medicinais, crenças religiosas e práticas populares de cura. Entretanto, muitas vezes suas atuações eram associadas à feitiçaria e à superstição, tornando-as alvo de perseguições e mecanismos de repressão por parte das autoridades da época.

Dessa forma, compreender a trajetória dessas mulheres significa também reconhecer sua importância histórica e social, rompendo com narrativas que durante séculos silenciaram suas experiências e contribuições. Assim, este trabalho busca colaborar para o fortalecimento das discussões sobre gênero, religiosidade e práticas de cura na América portuguesa, evidenciando a necessidade de ampliar os estudos voltados às experiências femininas na historiografia.

Referências

BOCK, Gisela. História, História das mulheres, História do gênero. Penélope: **Revista de História e Ciências Sociais**, Lisboa, n. 4, p. 147-178, 1990.

BUENO, Gessica de Brito; SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; SILVA, Eduardo Mangolim Brandani da. Corpos castos, sangues profanos: mulher, menstruação e medicina na América Portuguesa do século XVIII. **Anais da ReACT – Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia**, v. 5, n. 5, 2022.

DE MATOS, Maria Izilda Santos. **História das mulheres e das relações de gênero**: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. Mandrágora, São Paulo, v. 19, n. 19, p. 5-15, 2013.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Ed.UnB, 1993.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Editora Senac, 2000.

DEL PRIORE, Mary. Magia e medicina na colônia: o corpo feminino. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 78-114.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob regime da economia patriarcal. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

MARTINS, Rafaela Werneck Arenari; CLARINDO, Adriely de Oliveira; CAMPOS, Mauro Macedo. Bruxas, curandeiras e benzedadeiras: existências e resistências. **Mosaico**, [S. l.], v. 15, n. 23, p. 201-225, 2023. DOI: 10.12660/rm.v15n23.2023.88865. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/88865>. Acesso em: 7 jun. 2026.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>. Acesso em: 16 maio 2026.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relatos de uma experiência. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 9-28, 1995. Disponível em: [https://ieg.ufsc.br/uploads/articles/October2020//Pagu/1995\(4\)/Perrot.pdf](https://ieg.ufsc.br/uploads/articles/October2020//Pagu/1995(4)/Perrot.pdf). Acesso em: 6 jun. 2026.

PINTO, Teresa; ALVAREZ, Teresa. Introdução: História, História das mulheres, História de gênero: produção e transmissão do conhecimento histórico. **Ex Aequo**, Lisboa, n. 30, p. 9-21, dez. 2014. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602014000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 jun. 2026.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Curandeira ou feiticeira? Variações lexicais em uma queixa-crime sobre a prática de curandeirismo no início do século XX. **Web Revista Sociodialeto**, [S. l.], v. 8, n. 24, p. 37-52, 2018. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/sociodialeto/article/view/7812>. Acesso em: 7 jun. 2026.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 6 jun. 2026.

SILVA, Kleber Henrique da; SAMPAIO, Juliana Cunha. Mulher e feiticeira na América Portuguesa do século XVI: cotidiano, magia e inquisição. In: **ENCONTRO ESTADUAL DA ANPUH-PE, 10., 2013, Recife. Anais [...]**. Recife: ANPUH-PE, 2013.

SILVA, Luiza Stella de Oliveira Coutinho e. O saber médico e o corpo das mulheres no Brasil colonial: a tradição médica da metrópole na Capitania da Paraíba. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. Anais [...]**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, [S. l.], v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/5217>. Acesso em: 6 jun. 2026.

VAINFAS, Ronaldo (org.). **Dicionário do Brasil Colonial** (1500-1800). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.